

A mão profana

••• Deus existe às vezes. Noutras ocasiões faz de conta e, em casos mais clamorosos, mostra-me a sua mão profana.

Essa mão, que é toda ouro e império secular, via-a eu há dias quando o Papa levantou os braços ao céu para louvar *urbi et orbi* o cardeal Gonçalves Cerejeira que foi a outra face da moeda salazarista. Vi-a pouco depois, carregada de subentendidos, quando D. Policarpo, prelado-reitor da Universidade Católica, nos ameaçou a todos com a pressão do voto que a Igreja tem ao seu alcance no caso de lhe ser recusado um canal televisivo. Vi-a ainda, na pessoa do padre António Vaz Pinto, desenhar justificações evasivas da Censura num *re-make* bem temperado da Inquisição do Estado Novo.

Perante isto, um sentimento de



A MOSCA

assombro e de humilhação se apodera da sociedade civil, face ao imperialismo temporal das vozes da Fé, e o próprio Santo Padre pediu ao Vaticano que se moderasse no seu ouro e na sua ostentação.

Por mim, viro-me para Deus e peço-lhe, antes que seja tarde, que me perdoe estas minhas inconveniências. Que, com a sua mão dos pobres, me conceda um pouco de espaço de diferença nesta Terra. Que permita que a Igreja empresarial ou os seus procuradores nos deixem alguma oportunidade na comunicação, no ensino e na economia dentro do liberalismo confessional que se avizinha.

José Cardoso Pires